Por que é preciso criar uma filantropia da ciência no Brasil?

Sabará HOSPITAL INFANTIL

Instituto PENSI
PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL

INSTITUIÇÕES DA
FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal

Webinário Filantropia e Pesquisa em Saúde

18 de agosto de 2020

DEBATEDORES:

Antônio Condino Neto e Mauro Fisberg
moderadores, Instituto Pensi
Carlos Américo Pacheco
Fapesp
Cristiana Maria Toscano
Grupo Estratégico Internacional de Experts em Vacinas e Vacinação
Natalia Pasternak
Instituto Questão de Ciência
Marcos Paulo de Lucca Silveira
Fundação José Luiz Egydio Setúbal

APOIO:

Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR), Associação Paulista de Fundações, Gife, Associação Nacional de Hospitais Privados (Anahp), Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa (Confap), Fapesp, Fórum Intersetorial para Combate às Doenças Crônicas e Não Transmissíveis, Idis, Instituto Questão de Ciência, Rede Nacional de Primeira Infância e Sociedade de Pediatria de São Paulo.

REALIZAÇÃO:

Instituto Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil (Pensi)
Fundação José Luiz Egydio Setúbal

Assista na íntegra

A pandemia do novo coronavírus evidenciou, com uma intensidade rara na história, como a ciência é importante para o desenvolvimento social – e, mais ainda, para a própria sobrevivência da humanidade. Evidenciou também que há espaço, no Brasil, para que o conhecimento científico seja criado e disseminado com a ajuda da filantropia. "A covid criou um terreno muito fértil de discussão sobre filantropia e ciência. Foi impressionante o que aconteceu em poucos meses", comentou o economista Carlos Américo Pacheco, diretor do Conselho Técnico-Administrativo da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), durante o webinário **Filantropia e Pesquisa em Saúde**. O evento foi promovido pela Fundação José Luiz Egydio Setúbal (FJLES), por meio do Instituto Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil (Pensi).

O "impressionante" usado por Pacheco refere-se não apenas à rapidez com que o tema ganhou relevância nas discussões do terceiro setor, mas também ao volume de recursos mobilizados. Não há números específicos sobre quanto a área de pesquisa recebe. Dados do **Monitor das Doações Covid-19,** apresentados no evento pelo pesquisador Marcos Paulo de Lucca Silveira, da FJLES, mostram que cerca de metade dos valores desembolsados nas 100 maiores doações envolveu o que ele classificou de doações estruturantes. Na época do evento (11 de agosto de 2020), eram **quase R$ 2,5 bilhões** (de um total de aproximadamente R$ 5 bilhões) **destinados a iniciativas de longo prazo** – que incluem pesquisa sobre vacinas, remédios e testes, desenvolvimento de equipamentos (como respiradores), mas também capacitações técnicas e infraestrutura hospitalar.

SE OS RECURSOS FORAM EXPRESSIVOS, ENTÃO JÁ HÁ UMA FILANTROPIA DA CIÊNCIA NO BRASIL?

Não propriamente. "A covid trouxe uma urgência de busca de soluções. Mais do que crise, é uma ameaça à nossa sobrevivência – no final do dia, todos temos medo de morrer", comentou o imunologista Antônio Condino Neto, assessor científico do Instituto Pensi e um dos moderadores do webinário. As **cifras movimentadas durante a pandemia, em especial nos primeiros meses, responderam a um desafio único** na história recente. Logo, também "o padrão de doação é único", disse Lucca Silveira. "A covid criou um senso de solidariedade, de cooperação, que a gente nunca tinha visto ou só tinha visto em raros momentos da vida brasileira", concordou Pacheco.

Ele observou que há **exemplos anteriores de doações à ciência e à saúde** no Brasil. Em São Paulo, de 1957 até o novo Código Civil (1990), a herança vacante, ou seja, a herança sem testamento e sem herdeiros, era destinada à USP – posteriormente, também às outras duas

universidades públicas paulistas, Unicamp e Unesp. Pacheco citou a relação entre o dono do Banco Alfa, Aloysio Faria, e a UFMG: o banqueiro doou recursos expressivos para o Hospital das Clínicas da universidade. Mencionou ainda o Instituto Pensi e o Serrapilheira, fundado pela família Moreira Salles. Observou que há um movimento, em escolas que têm forte ligação com seus alunos, de criação de fundos de apoio a bolsistas ou às próprias instituições, como na Faculdade de Medicina da USP, na Escola Politécnica da USP e na Fundação Getúlio Vargas. Disse também que a Fapesp por vezes recebe heranças de pessoas que eram "muito gratas" à fundação. Pode-se dizer, então, que há "um certo embrião" de uma filantropia da ciência no Brasil. "Mas não tenho dúvida de que é uma discussão muito recente."

Embora haja exemplos de iniciativas importantes, não se pode falar em uma cultura de filantropia na área. "Ela ainda não existe", afirmou a biomédica e diretora-presidente do Instituto Questão de Ciência, Natalia Pasternak. "Temos uma cultura de filantropia muito voltada para os esportes, as artes." Não por acaso, a **ciência "fica fora do radar" dos benefícios fiscais que viabilizam a filantropia".**

Os próprios números do Monitor das Doações Covid-19 sugerem que "**não há um padrão recorrente de doação à pesquisa**", avaliou Lucca Silveira. Embora as tais doações estruturantes (grupo do qual a pesquisa faz parte) representem 50% do valor destinado pelas 100 maiores doações, esse número é inflado pelos grandes aportes: as seis maiores doações (todas acima de R$ 100 milhões) envolvem iniciativas estruturantes. Sem contar essas seis, a participação das estruturantes cai para 20%; os 80% restantes foram ações de curto prazo, como doação de máscaras, álcool em gel e alimentos.

MAS A CIÊNCIA PRECISA DO APOIO DA FILANTROPIA?

Mais do que nunca. Durante muitos anos, a pesquisa científica brasileira foi financiada quase que exclusivamente com dinheiro público, por meio de agências de fomento. Isso já não é mais possível. "Nos últimos tempos, o financiamento público da ciência não tem sido suficiente para o Brasil, por diversos motivos – políticos, econômicos, crises e, no atual governo, em razão de um movimento anticiência que contribuiu para um **declínio vertiginoso do financiamento**", disse Pasternak.

A participação do governo permanece crucial – deve-se continuar exigindo que os recursos públicos voltem ao mínimo necessário para o desenvolvimento do país, defendeu a biomédica. Contudo, "é preciso construir novas pontes com o setor privado e a filantropia".

Além disso, alguns desafios requerem participação de diversos setores – o que a covid-19 deixou muito claro, frisou a epidemiologista Cristiana Toscano, participante do Grupo Estratégico Internacional de Experts em Vacinas e Vacinação, da OMS. "De uma emergência, de uma pandemia, nós vamos sair juntos. Não é só o governo: toda a sociedade tem de estar envolvida."



QUAL A IMPORTÂNCIA DA FILANTROPIA PARA A CIÊNCIA E A PESQUISA EM SAÚDE?

Uma, óbvia, é a **injeção de mais recursos**. No dia anterior ao webinário, por exemplo, o governo de São Paulo **divulgara** que as doações para combate à covid haviam superado R$ 1 bilhão – parte do recurso era voltada às fases finais da pesquisa para desenvolvimento da vacina Coronavac.

A experiência norte-americana, resumida por Cristiana Toscano, mostra que o dinheiro é importante, inclusive em nível internacional: o apoio da Fundação Rockefeller, por exemplo, foi essencial para a construção do Hospital das Clínicas de São Paulo e a introdução, no Brasil, de vários programas de combate à febre amarela.

Mas não é só isso. Mais recentemente, a Fundação Bill e Melinda Gates teve papel fundamental na criação de parcerias que contam com recursos de múltiplas fontes, como a Aliança Global de Vacinas (Gavi), que facilita o **acesso a imunizantes** em países de renda baixa. "Por meio desses mecanismos, foi possível a introdução de vacinas com tecnologia mais avançada, mais caras, nos 50 países mais pobres do mundo – como as vacinas contra o rotavírus, o pneumococo e o HPV", declarou Toscano.

Por iniciativa da mesma fundação, criou-se em 2017 uma coalizão voltada à inovação em epidemias, de onde acabaram saindo várias das vacinas contra a covid-19. "São **estratégias em que o papel da filantropia é fazer a articulação**, trazer para a mesa diversos atores, ter ideias inovadoras e realmente fazer a diferença", comentou a epidemiologista. Essa diferença se concretiza em ao menos dois níveis: no desenvolvimento de novos produtos (como as vacinas) e, depois, no apoio à distribuição desses produtos a quem não consegue pagar por eles.

O QUE É NECESSÁRIO PARA APROXIMAR FILANTROPIA E CIÊNCIA?

Os participantes do webinário mencionaram vários fatores que precisam ser melhorados.

Mostrar como a ciência é importante. Esse foi um ponto especialmente enfatizado por Natalia Pasternak. Segundo ela, fazemos filantropia em artes e esportes porque sabemos da importância dessas áreas para o desenvolvimento social. "Sabemos que o financiamento público não é suficiente para essas atividades proliferarem com todo o rigor e o sucesso que elas merecem e que nós, população, merecemos. O valor delas é culturalmente óbvio para a sociedade. Mas o da ciência, não." Logo, é preciso deixar claro como a ciência funciona e por que ela é importante socialmente. "Como já disse um dos grandes divulgadores científicos, Carl Sagan, vivemos numa sociedade extremamente dependente de ciência e tecnologia em que ninguém sabe quase nada sobre ciência e tecnologia. E isso é receita para o desastre", afirmou. Cientistas e comunicadores têm, então, a tarefa de tornar óbvio o retorno da ciência à sociedade.

Ligar ciência a legado. A pesquisa científica, por sua própria natureza, envolve com frequência ações de médio ou longo prazo. Nesse sentido, vai ao encontro de filantropos que almejam deixar sua marca na sociedade. "Ouvi muito, nas conversas de captação, que as pessoas querem deixar um legado. Querem que o que estão doando tenha um sentido que vá além do dia a dia, que fique para a sociedade, gere um resultado que transcenda o horizonte de curto prazo", comentou Pacheco, da Fapesp. "O filantropo quer sentir que a doação deixou frutos, beneficiou a sociedade. É uma doação pessoal, emocional, não só financeira", reforçou Pasternak.

Fazer o filantropo sentir-se parte do processo. Sempre que possível ou factível, o doador tem de participar dos processos decisórios, defendeu Cristiana Toscano. Isso requer informá-lo das diversas etapas, dos resultados parciais e das escolhas a serem tomadas. "É importante para a parceria ser mais sólida."

Comunicar com clareza. Esse é um ponto crítico, ligado a todos os anteriores. Para mostrar a importância da ciência – inclusive sua capacidade de deixar legados –e chamar os doadores à participação, os pesquisadores precisam aprender a se comunicar com quem não compreende alguns detalhes do trabalho. Faz parte da rotina desses profissionais produzir relatórios técnicos para agências de fomento, mas não é disso que se trata. "O filantropo quer receber algo mais personalizado", apontou Pasternak. "Os relatórios que produzimos para a Fundação Bill e Melinda Gates são superdetalhados, mas superpráticos", exemplificou Toscano.

Comunicar com transparência. A ciência tem ritos e ritmos nem sempre conhecidos por quem não é do meio. "Quando não estamos numa pandemia, trabalhamos com a manutenção da saúde, que não tem uma visibilidade tão imediata", sublinhou o pediatra e nutrólogo Mauro Fisberg, coordenador do Centro de Excelência em Nutrição e Dificuldades Alimentares do Instituto Pensi. "Mesmo a discussão sobre o quanto a pesquisa beneficia a população, no nosso meio, é bastante complexa." Pacheco lembrou que a ciência leva tempo para produzir resultados – e estes, aliás, nem sempre são os previstos. "É preciso que a comunidade científica e tecnológica não prometa ao doador algo que às vezes não é possível de ser entregue, para não criar desilusão de que resultados não foram alcançados conforme o esperado. Tem que ter clareza sobre o que é possível entregar, o que não é possível, e do risco e da incerteza associados à pesquisa. É uma mensagem difícil de ser trabalhada, mas que precisa ser trabalhada quando se entra nesse terreno das doações." Para Natalia Pasternak, as prestações de conta têm de apontar o impacto da doação, o potencial (ou não) de retorno do trabalho à sociedade. "Mas de maneira transparente, mostrando como a ciência funciona e sem a obrigação de dar resultados práticos, rápidos e precisos, porque isso nós não podemos garantir. É a transparência de mostrar o que foi feito, por meio de quais processos, o que foi gerado de conhecimento e aonde se quer chegar. É obrigação do pesquisador produzir e entregar isso". Nesse sentido, o desafio é construir um ambiente em que as duas partes se sintam respeitadas. "O pesquisador sabendo que não vai perder a liberdade acadêmica; o filantropo sabendo que é parte de um processo que vai deixar um legado científico e tecnológico para a sociedade", declarou a diretora do Instituto Questão de Ciência.



É PRECISO MUDAR AS LEIS DE INCENTIVO PARA QUE INCLUAM APOIO À CIÊNCIA?

Não houve consenso entre os debatedores sobre esse ponto. Alguns deles destacaram que a **ausência de leis de incentivo específicas para a ciência não impediu o grande volume de doações durante a pandemia** de covid-19. "É uma discussão complicada, sobretudo num momento fiscal tão delicado como o que estamos vivendo", ponderou Pacheco. Foram unânimes, contudo, as **críticas ao imposto que recai sobre diversas doações, o ITCMD**. "A pessoa física vai doar de qualquer jeito, a questão fiscal não é um empecilho. Mas pagar ITCMD na doação provavelmente diminui o valor doado. Saber que você pelo menos não vai pagar o imposto já ajudaria", opinou Pasternak.

Para as empresas, o incentivo fiscal já faz mais diferença, avaliou ela. "Se você tem incentivo fiscal para a cultura, mas não tem para ciência, está criando uma competição, e a **empresa vai priorizar a área que tem incentivo fiscal**." Segundo Cristiana Toscano, "as leis de incentivo podem aumentar o montante passível de doação". Pacheco concordou que a legislação brasileira na área é "débil", porque "os poucos incentivos" concorrem entre si. "O total de doações está limitado a um percentual do Imposto de Renda"

O diretor do conselho da Fapesp não chegou a defender o aumento de outros impostos, mas, ao abordar o desenvolvimento da filantropia em outros países, frisou que em alguns deles o setor se desenvolveu porque a taxação sobre heranças era muito alta, o que favorecia doações em vida. "Durante boa parte do século 20, isso foi estímulo grande para que famílias e indivíduos fizessem doações, sobretudo para o ensino superior".



UM PÚBLICO POTENCIAL: FAMÍLIAS DE ALTA RENDA

Os números do Monitor das Doações Covid-19 evidenciam que os maiores valores vieram de empresas. Em agosto de 2020, eram R$ 5,11 bilhões (85% do total). Porém, avaliou Pacheco, na prática tais cifras foram frutos de decisões das famílias controladoras. "**As iniciativas passaram pelas empresas, mas capitaneadas por famílias** como Moreira Salles, Bracher e Setúbal." Nesse sentido, ele vê um protagonismo dos grandes doadores.

Lucca Silveira, da FJLES, observa uma tendência de criação de fundações familiares, "algo novo, que me parece muito positivo". Embora as fundações empresariais sejam as que mais invistam em doações, as familiares "têm um perfil que merece ser incentivado".

Um dos desafios para a atração de grandes doações familiares, avaliou Pasternak, é que alguns doadores têm insegurança sobre o destino dos recursos. Quando doam por meio de suas empresas, sabem que haverá pessoas avaliando as oportunidades, os riscos, a idoneidade e a qualidade dos projetos. "Uma das maneiras de tentar diminuir essa insegurança é criar, talvez, fundos de endowment com curadorias."

UM PÚBLICO POTENCIAL: EX-ALUNOS DE UNIVERSIDADES

Durante o webinário, mencionou-se que a maioria das doações da Santa Casa de São Paulo (uma escola de medicina com hospital renomado) e da FGV não vem de ex-alunos. Esse é justamente um público que poderia ser mais estimulado. "A doação de ex-alunos é comum nos Estados Unidos – o que é curioso, porque em geral são alunos que já pagaram pelo curso. Aqui, não vemos isso entre alunos de universidades públicas, que tiveram seus estudos financiados pela população, por meio dos impostos", observou Fisberg, do Instituto Pensi.

Pacheco avaliou que isso tem mudado nos últimos anos. "Lentamente, mas tem mudado." Fez referência a iniciativas em escolas que têm engajamento maior dos alunos. Ressaltou, entretanto, que grandes universidades brasileiras, como Unicamp, USP e Unifesp, "**não têm sequer um bom cadastro de ex-alunos**". Mapeamentos assim precisam ser feitos com urgência. "Às vezes se discute qual contribuição alguns alunos poderiam dar em universidades públicas, se devem ou não pagar mensalidade. Talvez o primeiro caminho seja **mobilizar famílias, para que se engajem num movimento de doação enquanto os alunos ainda estão cursando a faculdade**, com objetivo de no futuro contribuírem para as instituições que formaram seus filhos."



Sabará HOSPITAL INFANTIL

Instituto PENSI
PESQUISA E ENSINO EM SAÚDE INFANTIL

INSTITUIÇÕES DA

FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal

